

Dr. Dave Mathewson, Hermenêutica, Aula 9, Crítica Histórica

© 2024 Dave Mathewson e Ted Hildebrandt

Temos estado a olhar para a hermenêutica agora, ou começamos a olhar para ela, do ponto de vista dos três aspectos da comunicação, o autor e o texto, e depois o leitor. Começando com abordagens centradas no autor e na história, olhamos para o significado como residindo principalmente atrás do texto, ou o foco da interpretação, acho que uma maneira melhor de colocar isso seria o foco da interpretação olhando para trás do texto, ou seja, para o autor, as circunstâncias históricas que produzem o texto. Ao introduzir a crítica histórica, e a propósito, lembre-se dessa crítica, estamos usando a crítica não em termos de crítica destrutiva, crítica, num sentido negativo, mas em vez disso, de forma mais positiva, crítica em vez de ser uma crítica crédula em termos de fornecer informações sólidas. raciocínio, justificativa sólida para as crenças de alguém.

Quando olhamos para a crítica histórica, na última sessão consideramos o facto de que a crítica histórica se desenvolveu como uma forma específica de interpretar o texto bíblico, em contraste com abordagens mais teológicas e orientadas para a tradição para interpretar a Bíblia. A abordagem histórica simplesmente olhou para a Bíblia como parte de um texto historicamente condicionado, em certo sentido. E vimos que pelo menos três princípios ou pressupostos fundamentam a abordagem histórica e crítica da interpretação da Bíblia.

Em primeiro lugar, vimos a prioridade do raciocínio humano, a capacidade do raciocínio humano e do bom senso em examinar os textos bíblicos no seu contexto histórico, causa e efeito, o facto de que a abordagem histórica e crítica procedeu do pressuposto de que eventos históricos e documentos históricos devem ser entendidas no contexto de um continuum fechado de causa e efeito. E, finalmente, o princípio ou a suposição da analogia, de que a história se repete, de que aquilo que

aconteceu historicamente para ser aceito como verdadeiro deve ter uma analogia com o que vivenciamos nos dias modernos. E assim, o exame dos documentos do Antigo e do Novo Testamento sob o método histórico e crítico procedeu das suposições acima.

Então, novamente, uma das ramificações disso é que não há sobrenatural, não há espaço para eventos únicos, não há coisas como ressurreições e travessia de mares e ressurreição de pessoas mortas e coisas assim. Em vez disso, devem ter explicações que sejam consistentes com estes princípios que operam com a crítica histórica. Contudo, eu sugeriria que, quando colocadas entre parênteses destas suposições negativas e anti-sobrenaturais, as abordagens históricas do Antigo e do Novo Testamento são válidas e têm desempenhado um papel importante na interpretação bíblica.

E, de facto, se voltarmos à nossa compreensão do carácter da Bíblia e à nossa compreensão da inspiração, em certo sentido, as abordagens histórico-críticas ao Antigo e ao Novo Testamento são de facto necessárias. Porque vimos que o Antigo e o Novo Testamento afirmavam revelar, alegavam testemunhar e ser uma revelação dos atos redentores de Deus na história. E uma vez que a Bíblia afirma registrar as actividades de Deus na história e a sua relação com o seu povo na história em determinados tempos e lugares, portanto, é necessário compreender o Antigo e o Novo Testamento dentro do seu contexto histórico original.

No entanto, também é importante reconhecer, juntamente com isso, que embora não sejam menos que documentos históricos, os textos do Antigo e do Novo Testamento são mais do que apenas documentos históricos. Eles são históricos e teológicos. Portanto, estou rejeitando a dicotomia história-teologia que remonta a parte do dualismo encontrado em Kant, por exemplo.

Os documentos do Antigo e do Novo Testamento são mais do que apenas registros de actos históricos, mas são literatura religiosa, é literatura que continua a evocar uma resposta de fé. Mas uma fé que está enraizada na história e pode ser defendida e demonstrada. É uma fé que não é contrária à história nem está em desacordo com a história, mas sim uma fé que não é contra a história ou o raciocínio histórico, mas uma fé que está enraizada nisso e é consistente com isso.

Portanto, defendo uma abordagem que coloque os documentos do Novo e do Antigo Testamento no seu ambiente histórico e no seu contexto histórico e utilize os métodos de investigação histórica, mas não pare aí e seja mais do que isso. São documentos que afirmam ser documentos teológicos. São documentos que pretendem atestar os atos poderosos de Deus na história e continuam a funcionar como a revelação da vontade de Deus ao seu povo.

Agora, quando pensamos sobre a abordagem histórica em relação ao Antigo e ao Novo Testamento, pode ser útil dividir as abordagens históricas dos documentos do Antigo e do Novo Testamento em duas partes. Isto é, examinar a história do texto e também, em segundo lugar, examinar a história do texto. Assim, examinar a história do texto colocaria questões relacionadas à produção do texto.

Ou seja, o autor e o que podemos saber sobre os leitores e as circunstâncias históricas que produzem o texto. A história no texto se referiria a referências específicas dentro do texto a pessoas ou eventos históricos ou referências culturais ou costumes ou coisas assim que precisam ser examinadas. Então, por exemplo, vamos examinar brevemente a história do Antigo Testamento.

Mas, novamente, devo confessar que a maioria dos meus exemplos, e especialmente aqueles nos quais passo mais tempo, virão do Novo Testamento, uma vez que essa é a minha principal área de interesse em pesquisa, escrita e ensino. Mas, novamente,

quero ilustrar também com exemplos do Antigo Testamento. Então, olhando para a história do texto, fazemos perguntas, algumas das questões tradicionais que muitas vezes encontramos tratadas na introdução e nos comentários ou nas introduções e pesquisas bíblicas relacionadas a qual é o cenário histórico de um livro do Novo ou do Antigo Testamento, quem é o autor, quem são os leitores, que problemas enfrentam, em que ambiente se encontram, tudo isso com a esperança de colocar o documento no seu contexto histórico e compreender como ele surge a partir disso e aborda isso.

Assim, por exemplo, se alguém estiver considerando o livro de Isaías, desejará fazer perguntas sobre o autor, quem foi o autor e sua situação. Queremos colocar a questão da situação dos israelitas quando se viram confrontados com o exílio por causa da idolatria, por causa da sua pecaminosidade, enfrentando uma situação em que poderiam ser levados para um país estrangeiro como punição pela sua recusa em guardar a aliança. que Deus tinha feito com eles, a sua recusa em guardar a lei, e a compreender como o livro de Isaías, por exemplo, é uma resposta a essa situação. Ou, novamente, olhando para a história do texto.

Dissemos que examinar a história no texto é olhar para um texto bíblico e observar referências específicas a pessoas históricas, lugares históricos, exemplos históricos ou eventos históricos, referências a certos valores culturais ou, novamente, referências a certos personagens históricos ou lugares que podem ter impacto, ou que o autor supõe que serão conhecidos para a compreensão do texto. Por exemplo, isto é particularmente proeminente no Antigo Testamento na literatura narrativa, onde frequentemente encontramos referências a indivíduos e eventos históricos e costumes e valores ou lugares. Não se pode ler o livro de Rute, por exemplo, e tentar entendê-lo sem enfrentar parte da história única do texto, referências a eventos e valores históricos ou culturais e coisas assim.

Por exemplo, e mais uma vez, a minha intenção aqui não é dar uma explicação detalhada de tudo isto, mas simplesmente levantar questões e questões. Por exemplo, como entender a referência no capítulo 3 e versículo 4 de Rute descobrindo os pés de Boaz? O que significa essa expressão, descobrir os pés? Alguns acham que isso tem conotações sexuais. Outros não fazem.

Mas certamente para compreender o texto, é preciso compreender o que significa essa referência. Ou o que é um parente redentor, para usar uma tradução comum em inglês de um termo encontrado em Rute, capítulo 4? O que é um parente redentor? Qual é o significado disso? Que papel alguém desempenha na história e na cultura do povo israelita? E como isso esclarece nossa interpretação do capítulo 4 de Rute? E, novamente, poderíamos dar exemplos, numerosos exemplos de outros textos do Antigo Testamento, especialmente narrativos, que novamente se referem a pessoas, eventos ou lugares históricos. Às vezes, até referências geográficas podem ser incluídas.

Ou referências a valores culturais ou formas de fazer as coisas que, mais uma vez, podem ser muito estranhos para nós ou muito diferentes de nós, mas que precisamos de considerar para colocar o texto no seu contexto histórico. Para dar alguns exemplos do Novo Testamento. Um texto interessante, quando consideramos a história do texto.

É aí que começamos a fazer perguntas sobre autoria e antecedentes históricos e quem eram os leitores. Qual foi a situação que deu origem a um texto. O livro de Colossenses no Novo Testamento apresenta vários exemplos intrigantes.

Por exemplo, Colossenses é um dos livros onde a autoria do livro é realmente questionada. E embora eu não queira perder muito tempo com a questão do pseudônimo, isso é escrever em nome de outra pessoa. Alguns que abordam os

documentos do Novo Testamento a partir de uma perspectiva histórica e crítica sugeririam que o pseudonimato era um fenômeno válido num texto bíblico.

Isto é, o pseudonimato era simplesmente uma abordagem comum à escrita no primeiro século. E que os autores bíblicos podem até optar por seguir essa abordagem. De modo que alguns argumentaram que Colossenses não foi escrito pelo próprio Paulo, mas talvez por um discípulo posterior de Paulo.

Que está simplesmente transmitindo a tradição paulina. Quem está escrevendo talvez o que Paulo teria escrito se estivesse presente. E, portanto, escrevendo em nome de Paulo.

No entanto, penso que outros apresentaram um argumento convincente de que Paulo era realmente o autor. Que não há nada no livro de Colossenses, por mais diferente que possa ser dos outros livros de Paulo. Não há realmente nada no livro de Colossenses que Paulo não pudesse ter escrito.

E assim a maioria dos estudiosos evangélicos aceitaria a atribuição de autoria em Colossenses de que de fato Paulo é o autor. Mais difícil de determinar é o pano de fundo, a situação ou a crise que precipitou a escrita do livro de Colossenses por Paulo. Quem eram os leitores e que circunstâncias os rodeavam? Sabemos um pouco sobre a cidade de Colossos e sua localização no Vale do Lico.

Na parte ocidental da Ásia Menor ou na atual Turquia. Uma das coisas que sabemos sobre a cidade é que foi uma das cidades menos significativas para a qual Paulo provavelmente escreveu uma carta. Sabemos também que Paulo aparentemente não fundou ele mesmo a igreja em Colossos.

Mas este é um dos raros exemplos de Paulo escrevendo para uma igreja da qual ele não tinha conhecimento direto. No que diz respeito a realmente estabelecer a igreja

na cidade. Mas o mais difícil é determinar por que Paulo está escrevendo uma carta à cidade? Que dificuldade ou que situação o levou a fazer isso? Reconhecendo que a maioria das cartas não foi simplesmente escrita do nada.

Mas foram o que os estudiosos costumam chamar de ocasionais. Falaremos mais sobre isso quando examinarmos a crítica de gênero e o gênero literário de uma epístola. A maioria das cartas era o que chamamos de ocasional.

Ou seja, foram produzidos em resposta a ocasiões ou circunstâncias muito específicas. Assim, na compreensão de uma carta como Colossos. Não só temos que entender algo sobre o autor e talvez um pouco sobre a cidade e a região.

Mas também precisamos entender quem são os leitores e qual provavelmente foi a situação, problema ou questão. Isso fez com que Paulo se sentasse e escrevesse esta carta. E com Colossenses há bastante debate sobre qual poderia ter sido essa situação.

E uma das questões principais é como algumas das outras cartas de Paulo, como Gálatas, por exemplo. E talvez algumas de suas outras cartas. E alguns dos outros documentos do Novo Testamento, como 2 Pedro ou Judas ou ainda a carta de Paulo a 1 Timóteo.

Que foram todos aparentemente escritos em resposta a algum tipo de ensino desviante ou falso. Isso ou havia se infiltrado ou estava começando a se infiltrar na igreja ou corria o risco de se infiltrar na igreja. Deveríamos incluir Colossenses nesse grupo de cartas? Devemos ver Colossenses como uma resposta a algum tipo de falso ensino é a primeira questão.

No início, havia um punhado de intérpretes e intérpretes do Novo Testamento. Pensava que Colossenses não foi escrito em resposta a nenhuma crise específica. Não havia nenhum ensino falso específico por trás da carta de Paulo aos Colossenses.

Isso gerou a escrita do livro. Mas, em vez disso, Paulo pode estar apenas abordando algumas pressões e circunstâncias gerais que os cristãos e Colossos enfrentaram. No entanto, acho que é mais popular hoje entre os estudiosos do Novo Testamento e estudantes do Novo Testamento.

Ver que Colossenses foi realmente escrito em resposta a algum tipo de ensino falso. E a razão pela qual geralmente se pensa que isso acontece baseia-se principalmente em algumas das coisas que Paulo diz no segundo capítulo do livro. Por exemplo, no capítulo 2 e versículo 8, Paulo diz para que ninguém o leve cativo por meio de filosofia vazia e enganosa.

O que depende da tradição humana e dos princípios básicos do mundo, e não de Cristo. Portanto, isso parece sugerir que Paulo está alertando contra a possibilidade de que alguns serão, ou talvez alguns já tenham sido desencaminhados e enganados por esta filosofia vazia e levados cativos por esta filosofia vazia e enganosa. Mas ainda mais especificamente quando você chega ao versículo 16.

Começando no versículo 16 do capítulo 2, você encontra uma seção que muitos estão convencidos de que revela um ensino definitivamente desviante ou falso ao qual Paulo pode estar respondendo. Que ele está preocupado com o fato de alguns de seus leitores já terem cedido ou talvez possam estar tentados a ceder. Então, começando no versículo 16.

Portanto, não deixe ninguém julgá-lo pelo que você come ou bebe, ou com relação a festividades religiosas, celebrações de lua nova ou sábado. Estas são uma sombra das coisas que estão por vir. A realidade, porém, é encontrada em Cristo.

Não deixe que ninguém que se deleite na falsa humildade e na adoração dos anjos o desqualifique para o prêmio. Tal pessoa entra em grandes detalhes sobre o que viu e sua mente não-espiritual o enche de noções vãs. Ele perdeu a conexão com a cabeça, na qual todo o corpo, sustentado e mantido unido por seus ligamentos e nervos, cresce à medida que Deus o faz crescer.

Desde que você morreu com Cristo para os princípios básicos do mundo. Por que, como se ainda pertencesse a ele, você se submete às suas regras? Não manuseie, não prove, não toque. Todos estes estão destinados a perecer com o uso.

Porque são baseados em comandos e ensinamentos humanos. Tais regulamentos realmente têm a aparência de sabedoria com sua adoração autoimposta. Sua falsa humildade e tratamento severo com o corpo.

Mas falta-lhes valor em restringir as indulgências sensuais. E a pergunta que eu simplesmente faria é: isso lhe parece como se Paulo estivesse abordando um problema específico? Ou seja, um ensino específico. Algum tipo de ensino desviante do evangelho que foi proclamado aos Colossenses.

Que agora ele teme que possa suplantá-lo ou começar a deixar isso de lado. Pelo menos ao lê-lo, concluiria afirmativamente. Penso que este texto revela particularmente que Paulo está respondendo a um problema específico.

Talvez não seja um problema tão terrível como, por exemplo, em Gálatas. Talvez ainda não tenha impactado um grande grupo de pessoas. Talvez o ensinamento nem sequer tente evangelizar ou infiltrar-se na igreja.

Mas talvez a sua própria existência represente uma ameaça ou uma tentação que Paulo suspeita para alguns dos Colossenses. Eu não tenho certeza. Mas ao ler o capítulo 2, eu ficaria do lado dos estudantes do Novo Testamento que pensam que Paulo está respondendo a um falso ensino bastante específico.

A questão que talvez seja ainda mais difícil de responder é: qual é a natureza deste ensinamento? Qual era esse ensinamento ao qual Paulo estava respondendo? E o que é interessante ainda hoje é que essa questão ainda não foi resolvida. Quando você olha para todas as propostas, um acadêmico por período. Provavelmente é mais do que isso agora.

Mas um estudioso do Novo Testamento disse anteriormente que havia pelo menos 40 propostas sobre quem eram esses professores. Isso pode sugerir-nos que não temos esperança de determinar a natureza do ensino. Se ninguém mais concordar.

Mas, por exemplo, muito cedo, alguns pensaram que Paulo estava respondendo ao gnosticismo. No entanto, porque o gnosticismo não se tornou um sistema completo de pensamento religioso até o século II. Muitos abandonaram isso.

Ou pelo menos alguns diriam que Paulo estava respondendo a questões e crenças que mais tarde surgiram e se cristalizaram no gnosticismo completo. Outros sugeriram que outras crenças ou movimentos religiosos, como o estoicismo, eram o principal problema no ensino que Paulo estava abordando. Ou outras crenças religiosas pagãs.

Mas alguns evitaram isso por causa de algumas das referências claras. As claras referências judaicas. Observe um dos versículos que li no versículo 16.

Portanto, não deixe ninguém julgá-lo pelo que você come ou bebe. Ou, no que diz respeito às festas religiosas, uma celebração da lua nova ou dos sábados.

Especialmente aquela referência ao sábado.

E o fato de que mais cedo no capítulo 2 Paulo se refere à circuncisão. Isso sugeriria que qualquer que seja este movimento, ele contém algum elemento judaico. Então, alguns realmente criaram uma das explicações mais comuns para o ensino que está por trás de Colossenses.

Novamente quando tentamos reconstruir a situação histórica por trás do livro. Uma das propostas mais comuns é que Paulo está respondendo a algum tipo de crença religiosa sincretista. Isto é, esta é uma combinação de elementos judaicos com outras crenças religiosas pagãs.

Ou crenças religiosas populares, talvez. Além disso, a forte ênfase em Jesus Cristo ao longo disso. Por exemplo, a seção onde o autor disse que esta pessoa perdeu a conexão com o chefe.

Que é Jesus Cristo, de quem todo o corpo apoiado e unido cresce. Como Deus faz com que cresça. Portanto, o outro corolário é que muitas vezes é sugerido que esta crença religiosa judaica é considerada pagã.

Ou uma espécie de combinação de sincretismo de crenças judaicas e greco-romanas. Ou as crenças religiosas populares estão na verdade desvalorizando e denegrindo a pessoa de Jesus Cristo. É por isso que Paulo enfatiza a suficiência de Jesus Cristo ao longo deste livro.

Então essas são algumas das propostas, sendo a mais comum um sincretismo ou combinação entre crenças religiosas judaicas e greco-romanas. Novamente na

tentativa de reconstruir o contexto histórico. A história por trás do texto de Colossenses.

No entanto, outra proposta possível que eu sugeriria. É um que eu realmente tenho visto em uma série de estudos recentes sobre o passado de Colossenses. São essas as referências judaicas ao longo deste livro.

A referência à circuncisão já está no capítulo 2. E agora as referências judaicas ao longo deste livro. As referências às luas novas e aos sábados. E por falar nisso curiosamente aquela referência às festas de luas novas e sábados.

Essa categorização ou frase tripla é encontrada em outros textos do Antigo Testamento. De modo que especialmente a referência ao sábado é uma revelação absoluta da natureza judaica, penso neste ensinamento. Tudo isso sugere que provavelmente esse ensinamento é algum tipo de judaísmo.

E penso que não há necessidade de olhar para fora do Judaísmo do primeiro século. Fornecendo a base para este ensino que Paulo está abordando. Mas é importante perceber que o Judaísmo no primeiro século era bastante diversificado.

Para que não precisemos pensar que o Judaísmo é que Paulo. O ensino judaico que Paulo aborda em Colossenses. É necessariamente do mesmo tipo do Judaísmo que ele aborda no livro de Gálatas.

Na verdade, vemos uma série de recursos que parecem estar fora disso.

Especialmente a referência no versículo 18. Não deixe que ninguém que se deleita na falsa humildade e na adoração aos anjos o desqualifique do prêmio.

Essa pessoa detalha muito o que viu. Sugerindo algum tipo de experiência visionária ou algum tipo de experiência mística. Você não encontra esse tipo de linguagem em Gálatas caracterizando o Judaísmo ao qual Paulo está se dirigindo.

Mas a primeira coisa a reconhecer é que o Judaísmo era diverso. Portanto, não precisamos necessariamente ver Paulo abordando o mesmo tipo de judaísmo aqui. Como pode ter sido em Gálatas ou Romanos ou mesmo em Filipenses capítulo 3. Onde aborda também o Judaísmo.

Em vez disso, é possível que Paulo esteja se dirigindo a um judaísmo que possa se enquadrar num tipo de judaísmo mais apocalíptico. Por exemplo, esse é o tipo de judaísmo que produziu apocalipses. Livros semelhantes a Daniel e Apocalipse.

Temos uma série de apocalipses disponíveis. Temos traduções para o inglês deles. Apocalipses fora do Antigo e do Novo Testamento.

Isso basicamente registra uma experiência visionária de alguém. E muitas vezes essa experiência visionária incluía a estrita observância da lei do Antigo Testamento. Evitar, por exemplo, certos alimentos.

Jejuar em preparação para a experiência visionária. Como já mencionei no versículo 16. Esta menção a novas festas, luas novas e sábados.

Ocorre diversas vezes em todo o Antigo Testamento. Portanto, não há realmente necessidade de olhar para fora do Judaísmo. Talvez um tipo místico ou apocalíptico de judaísmo.

Isso explicaria a referência no versículo 18 à adoração de anjos. Um tipo particular de Judaísmo é frequentemente denominado Judaísmo Merkabah. É conhecido pela experiência visionária onde o visionário sobe pelos céus.

E muitas vezes o objetivo é chegar ao céu final. E muitas vezes existem seres angélicos nos diferentes céus. E o objetivo é adorar com os anjos.

Ou muitas vezes os anjos às vezes podem ser objetos de adoração. Mas é possível que este tipo de judaísmo seja responsável pelo ensino que Paulo está abordando? Ou mesmo para ser mais específico.

Essa frase luas novas, festivais e sábados. Também é encontrado algumas vezes nos Manuscritos do Mar Morto. E, além disso, de forma interessante.

Versículo 16. A maioria das pessoas presume que isso provavelmente se refere às proibições do Antigo Testamento sobre comida e bebida. Embora seja muito difícil encontrar proibições específicas contra a bebida.

Contudo, o que há de interessante nos Manuscritos do Mar Morto. Quando alguém queria se tornar um membro. Muitas vezes era necessário abster-se de certos alimentos e bebidas.

Como eles passaram por um período de julgamento. Eles foram julgados de acordo com. A referência a ser julgado de acordo com a comida e a bebida.

Pode refletir algo assim. Isso inicia na comunidade de Qumran. Sobre o qual falamos anteriormente.

Muitas vezes passou por um período de julgamento. Onde eles tiveram que se abster de comida e bebida. Somente quando eles passaram desse período.

Eles foram autorizados a participar da comida e da bebida. Além disso, é interessante que temos vários textos. Isso pode explicar o que encontramos no versículo 18.

Não deixe ninguém que se deleita com a falsa humildade. E a adoração dos anjos desqualifica você. Essa pessoa detalha o que viu.

Temos vários textos dos Manuscritos do Mar Morto. Chamado de Canções do Sacrifício do Sábado. E o que eles eram é.

Eram relatos de adoração que ocorreriam em sábados sucessivos. E o que é interessante está em alguns deles. Existem descrições bastante detalhadas do templo celestial.

E parece que esse é um dos objetivos da leitura desses textos. Aquela era a congregação, a comunidade. Quase passaria por uma experiência mística de se juntar aos anjos.

Ao adorar a Deus em sua sala do trono celestial. Outro texto interessante é o chamado 4Q491. E o 4T significa basicamente a quarta caverna.

Você se lembra da história dos Manuscritos do Mar Morto. Encontrado em várias cavernas e as cavernas foram numeradas. Na caverna número 4 do 491.

É apenas o número do documento para distingui-lo dos demais. Em um dos documentos denominado 4T491. Existe um relato de um ser humano.

Aparentemente, talvez um padre. Quem subiu ao céu. E testemunhou os reinos celestiais.

Um anjo e agora ele volta à terra. E se orgulha do que experimentou. E o que ele viu.

Então , se os Manuscritos do Mar Morto. Fique por trás do que está acontecendo em Colossenses. É impossível dizer.

Mas é possível que Paulo tenha em mente um tipo semelhante de judaísmo? Isso é encontrado em tipos apocalípticos de judaísmo. Isso produziu apocalipses baseados em suas experiências visionárias no céu.

Ou Paulo está abordando o judaísmo semelhante. Ou talvez uma ramificação ou idêntica à comunidade do Mar Morto. A comunidade de Qumran.

Isso explicaria o que Paulo está abordando. É interessante também esse ascetismo. Alguns disseram que devemos observar o ascetismo.

Não manuseie, não prove, não toque. E eles atribuem isso a alguma religião do tipo gnóstico ou ascético ou greco-romano. Mas, curiosamente, o Manuscrito do Mar Morto.

A comunidade de Qumran. Para eles, os fariseus nem sequer eram suficientemente rigorosos na observância da lei. Para que a atitude em relação à lei de certos grupos judaicos.

Como a comunidade de Qumran. Pode ser visto como altamente ascético. Então é possível que o falso ensino.

O ensino desviante que Paulo tem em mente. Atrás do livro de Colossenses ao qual Paulo se dirige. É um judaísmo talvez um tipo de judaísmo orientado para o tipo apocalíptico .

Ou outro tipo místico de judaísmo. Tal como se encontra na comunidade de Qumran. E isso por si só fornece o pano de fundo.

O contexto histórico e os antecedentes. Para os escritos de Paulo sobre Colossenses. Se este for o caso também.

Muito provavelmente este falso ensino não desvalorizou Cristo. Este falso ensino de que o Judaísmo é diferente dos Gálatas. Que o Judaísmo não era messiânico nem afirmava ser um Judaísmo Cristão.

Mas, em vez disso, a ênfase cristológica em Colossenses. É a própria resposta de Paulo. Não é a resposta dele ao falso ensino.

É a correção do próprio Paulo. Para combater este judaísmo. Isso enfatiza a observância ascética da lei.

E experiência visionária. E adoração de anjos. Em resposta a isso, a correção é a ênfase de Paulo na pessoa de Jesus Cristo.

Talvez Paulo tenha visto esse judaísmo. Este ensinamento corre o risco de ser complementado. E suplantando.

Até mesmo suplantando Cristo. Vida em Cristo. E Paulo quer demonstrar.

Não, isso o Judaísmo não pode fornecer. Não é possível fornecer uma alternativa à vida em Cristo. A única maneira de superar as indulgências.

A única maneira de restringir a indulgência sensual. Quando o capítulo 2 termina. Não é pelo que este Judaísmo tem a oferecer.

Mas apenas a vida em Cristo. Então o capítulo 3 continua. Então desde então você foi ressuscitado com Cristo.

Coloquem seus corações nas coisas do alto. Busque as coisas acima. Não as coisas na terra.

É a própria resposta de Paulo. A vida em Cristo é a única alternativa. E a única resposta ao que este Judaísmo provavelmente oferece aos leitores de Colossenses.

Então , novamente, dada toda a variedade de propostas. A certeza absoluta provavelmente nos escapará. Mas ao mesmo tempo é necessário chegar a algum entendimento.

Sobre qual era o ensino que Paulo pode ter abordado em um livro como Colossenses. E como isso afeta a maneira como lemos e entendemos o texto. Para dar apenas alguns exemplos.

Da segunda faceta da crítica histórica e das abordagens históricas. Essa é a história do texto. Isso é examinar referências históricas e culturais dentro do texto.

E são essas referências que muitas vezes se referem ao entendimento compartilhado entre o autor e os leitores. E precisamos examiná-los e impactá-los. Compreender como isso pode contribuir para a interpretação do texto bíblico.

Apenas para dar alguns exemplos muito breves. De duas seções do Novo Testamento às quais já nos referimos. Um deles encontra seu significado em pelo menos dois lugares.

Mas também outros lugares. Mas dois em particular que mencionamos. O encontro de Jesus com a mulher samaritana junto ao poço.

E depois a parábola do Bom Samaritano. Já mencionamos a falta de compreensão do pano de fundo desta referência a um samaritano. Na verdade, pode resultar em mal-entendidos.

E isso temos pelo menos na cultura americana dos séculos XX e XXI. Domesticamos o Samaritano. Então tenho medo de que quando lemos o rótulo Samaritano.

Podemos não conseguir compreender o texto bíblico tal como o autor o pretendia. E como os leitores originais podem ter entendido em seu contexto histórico. É importante reconhecer isso quando Israel foi levado para o exílio.

O resultado foi que alguns dos israelitas foram autorizados a permanecer em Samaria. Qual era a capital de Israel na época. Você se lembra de Israel e da nação de Israel.

O reino de Israel foi dividido em reino do norte e reino do sul. E o reino do norte tendo como capital Samaria. O reino do sul, Judá.

Sua capital Jerusalém. Alguns dos israelitas foram autorizados a permanecer em Samaria. E os estrangeiros que os levaram para o exílio realmente tomaram conta da cidade.

E cruzou com os israelitas que permaneceram lá. O produto era visto pela maioria dos judeus como um mestiço. Ou aqueles que não eram puramente judeus.

Além disso, não só isso, mas havia uma longa história de conflito. Mesmo depois desse evento, houve uma história de conflito. Entre a maioria dos judeus e os samaritanos.

Isso resultou em vários relacionamentos ruins. E nenhum amor se perdeu entre samaritanos e outros judeus. Então, quando Jesus se senta com uma mulher samaritana.

Não apenas o fato de ela ser mulher, mas principalmente uma samaritana. Teria sido bastante chocante. Quando o herói da parábola do bom samaritano é um samaritano.

Esta história remonta aos dias do exílio. E a história de conflitos e relações ruins entre outros judeus e samaritanos. Teria informado a forma como esta parábola teria sido lida.

Teria sido chocante ter um samaritano. Talvez hoje a analogia mais próxima seja a de um homossexual com SIDA. Sendo o herói da parábola e da história.

E historicamente essa analogia provavelmente mudará. Outro exemplo é encontrado em Lucas capítulo 11. Novamente a parábola do filho pródigo.

Já nos referimos a isso. Mas antes de mais nada, algumas referências históricas que podem passar despercebidas. É intrigante que a parábola comece com o filho pedindo ao pai sua parte na herança.

Vários comentários sugeriram isso, dado o contexto histórico. Isso teria sido equivalente ao filho desejar que seu pai estivesse morto. Porque só com a morte do pai o filho receberia a herança.

Então isso, no mínimo, teria sido um insulto extremo ao pai. Que provavelmente era um indivíduo rico e respeitado dentro da comunidade. Uma segunda referência interessante é o fato do pai sair correndo e cumprimentar o filho.

Isso simplesmente não foi feito no primeiro século. Para um pai fugir, talvez. Mas especialmente para sair correndo e cumprimentar um filho que o insultou daquela maneira.

Foi extremamente indigno. E foi extremamente humilhante. Para acrescentar a isso, como já mencionei quando discutimos esta parábola antes.

Talvez não devêssemos encarar isto como algo que acontece no meio do nada. Em algum rancho no meio do nada, onde não havia vizinhos por perto. E eles estavam simplesmente isolados da humanidade ou de uma comunidade.

Em vez disso, e se isto estiver a acontecer numa aldeia rural típica? Uma aldeia rural do Médio Oriente. Para que todos não soubessem apenas o que o filho fez ao pai.

E como o filho tratou o pai. Mas agora todo mundo está assistindo. Todos sabiam que o filho estava se aproximando e todos estavam observando.

E vê o filho, o pai de forma indigna e humilhante sair correndo ao encontro do filho. De repente, isso se torna uma parábola não apenas sobre o filho pródigo. Mas sobre a humildade do pai.

As profundezas indignas e humilhantes a que o pai se rebaixaria para aceitar o filho. Agora, alguém pode ler a parábola e dizer: bem, isso não acontece. Nenhum pai em sã consciência faria isso.

E isso provavelmente era verdade. Mas talvez esse seja um dos valores chocantes da parábola. Talvez um pai humano não fizesse isso.

Mas foi exatamente isso que Deus fez. Para que o objetivo da parábola não seja apenas sobre o filho pródigo. E seu arrependimento e retorno para buscar o perdão do pai.

Mas também se trata da humildade e da humilhação de Deus Pai. Sempre que ele se abaixa para receber alguém que o insultou. E o tratou com indignidade pela pecaminosidade e pela rejeição.

E sempre que alguém retornar. Alguém que insultou. Alguém que pecou contra Deus, o pai.

Sempre que eles retornam para arrependimento. O pai é muito parecido com o pai humano nesta parábola. Deus, o pai, se humilha.

E age com indignidade quando se abaixa para aceitar alguém de volta. Quem vem a ele em arrependimento. Frequentemente, a abordagem histórica crítica para interpretar o texto do Novo Testamento e do Antigo Testamento.

Muitas vezes revela insights que podem passar despercebidos. Na melhor das hipóteses, fará falta. Na pior das hipóteses, pode ser mal interpretado e mal compreendido.

Quando não conseguimos compreender o contexto histórico do texto bíblico. Duas notas finais sobre o método histórico-crítico. Embora as próximas sessões continuem a examinar metodologias e críticas.

Isso ainda está sob a égide das abordagens históricas. E abordagens centradas no autor do texto bíblico. Indo atrás do texto.

Mas duas outras observações relacionaram-se com abordagens histórico-críticas. Número um. Já mencionamos abordagens históricas para a interpretação do Antigo e do Novo Testamento.

São realmente necessários. Porque Deus agiu na história para redimir o seu povo. O Antigo e o Novo Testamento afirmam testemunhar.

E para serem revelações de. A atividade de Deus na história. Os atos históricos de redenção de Deus em nome de seu povo.

Esse último clímax na pessoa humana de Jesus Cristo. Que entra na história para redimir o seu povo. No contexto político e histórico do mundo que Deus vem resgatar.

Portanto, a avaliação histórica é realmente necessária para fazer justiça, em última análise, ao texto bíblico. Mas a minha segunda observação é a título de qualificação. Um dos perigos é que precisamos de ter cuidado para não fazer da nossa reconstrução histórica o objecto principal da nossa interpretação.

Vimos que o que é inspirado é o próprio texto bíblico. O texto em si é o produto da fala de Deus. O texto em si é a palavra de Deus.

Portanto, o locus principal da minha atividade interpretativa. Minha interpretação é o próprio texto bíblico. Não o contexto histórico reconstruído.

Dito isto, como vimos, o contexto histórico nos documentos bíblicos pressupõe e depende do conhecimento dos eventos históricos. A reconstrução histórica dos acontecimentos e das referências históricas é necessária para iluminar o texto bíblico. Mas, pelo que entendi, o intérprete está sempre andando na corda bamba.

Entre apenas interpretar o texto bíblico e encontrar no texto o primário. O texto é o lugar principal de nossa atividade interpretativa. Mas, ao mesmo tempo, não ignoramos o contexto histórico que ajuda a iluminar isso.

Mas, por outro lado, o perigo é que a minha interpretação se baseará principalmente na minha reconstrução histórica em segundo plano. Portanto, é simplesmente um pedido de equilíbrio. Que o próprio texto bíblico é o foco principal da nossa interpretação.

É o próprio texto bíblico que é a palavra de Deus para o seu povo. E é o lugar da nossa atividade interpretativa. Contudo, ao mesmo tempo, porque a palavra de Deus está enraizada na história, os atos de Deus estão enraizados na história.

É necessário compreender o contexto histórico. Reconstruir a história do texto e a história no texto. Para ajudar a iluminar e ajudar-nos a compreender o significado do texto que interpretamos.

O que eu quero fazer então é apenas apresentar brevemente outro método, especificamente uma série de métodos. Tudo isso se enquadra no guarda-chuva mais amplo da crítica histórica. As três críticas que tenho em mente serão examinadas nas próximas sessões.

É crítica de fonte, forma e redação. Novamente, estes fazem parte da disciplina mais ampla da crítica histórica. Nisso todos eles, de alguma forma, tentam ir além do texto.

E faça perguntas históricas sobre as influências históricas na produção do texto. Ou faça perguntas sobre o autor. E a intenção do autor ao escrever o texto bíblico.

E esses três também veremos se desenvolver. Esses três se desenvolvem histórica e logicamente. Da fonte e da crítica da forma.

Veremos basicamente as fontes ou as formas orais que estão por trás do Antigo Novo Testamento. Isso basicamente acaba abrindo caminho para a forma final do Novo Testamento ou do próprio Antigo Testamento. Ou ainda, todos fazem perguntas sobre o autor.

E a crítica da redação vai um pouco além. E pergunta como o autor tomou essas fontes ou essas formas individuais. E os entrelaçou em um texto bíblico.

Como o autor é responsável por trazer as fontes e formas que estão por trás do texto para a forma final do texto. Então, por causa dessa fonte, forma e redação, a crítica faz parte da crítica histórica de forma mais geral. Também é importante dizer que todos os três estão vivos e bem na interpretação do Antigo e do Novo Testamento hoje.

Eles geralmente ficam em segundo plano em relação a outros métodos de interpretação mais novos e modernos. Assim é que em alguns livros didáticos sobre hermenêutica ou discussão de interpretação. Muitas vezes, eles são esquecidos ou recebem um tratamento muito curto.

Porque, novamente, eles foram basicamente eclipsados por métodos cada vez mais recentes. Deixe-me começar a apresentar-lhe o primeiro que geralmente ocorre primeiro, histórica e logicamente. E isso é crítica da fonte.

Basicamente, fontes de críticas tanto no Antigo quanto no Novo Testamento. Embora funcione de maneira um pouco diferente no Antigo e no Novo Testamento. Quanto aos livros que cobre e como é utilizado.

Mas a crítica das fontes, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, é novamente basicamente uma tentativa de ir além do texto escrito. Seja Gênesis ou 1ª e 2ª Crônicas ou Mateus, Marcos e Lucas. Ou uma das cartas de Paulo, por exemplo, talvez.

É uma tentativa de ir atrás do texto escrito tal como o temos. Descobrir particularmente as fontes escritas que o autor pode ter utilizado e que estão por trás do texto. Portanto, a suposição é que os autores bíblicos confiaram em fontes escritas.

E estes podem ser descobertos ou reconstruídos a partir do próprio texto. Assim, no apogeu da crítica das fontes, mas também hoje. Muitas vezes você encontrará interesse em discutir as chamadas fontes escritas.

O que o autor pode ter, um autor do Antigo Testamento ou do Novo Testamento pode ter utilizado. Às vezes reconstruindo essas fontes. E talvez às vezes indo mais longe e perguntando de onde veio essa fonte? Que comunidade ou situação isso reflete? Que situação ou problema ele abordou originalmente? Que situação originalmente deu origem a isso etc.

etc. Mas, novamente, no geral, a crítica à fonte é simplesmente uma tentativa de ir além do texto escrito. E pergunte sobre as fontes usadas que podem tê-lo influenciado.

Novamente já examinamos duas evidências do Antigo Novo Testamento. Isso sugeriria que a crítica das fontes é de fato um empreendimento válido. Que os autores do Novo Testamento e do Antigo Testamento às vezes se baseavam em fontes anteriores.

Por mais difícil ou especulativo que seja reconstruir essas fontes. Vimos em referência ao 1º e 2º Reis. Uma referência frequente ao autor dizendo que conclui sua pesquisa sobre a história da monarquia de Israel.

Quem costuma dizer que essas coisas não foram escritas nos anais do rei? Ou algo assim. De modo que o autor parece estar se apoiando em uma fonte, uma fonte histórica. Que ele se baseou em sua própria composição.

Ou Lucas capítulo 1 e 1 a 4. Onde Lucas diz que outros retomaram ou escreveram um relato da vida de Cristo. E, de fato, existem outras testemunhas oculares do relato dos acontecimentos que cercam a vida de Cristo. Que o próprio Lucas agora recorreu para produzir seu próprio relato.

Assim, até Lucas admite que se baseia tanto em fontes orais como escritas relacionadas com a vida de Cristo. Que ele está incorporando em seu próprio trabalho. Ele não nos diz o que são ou onde estão.

Quando ele se refere a outros que redigiram ou escreveram um relato da vida de Cristo. Ele está se referindo a um ou mais dos outros evangelhos? Mateus ou Marcos ou talvez outros relatos possíveis da vida de Cristo. De qualquer forma, Lucas parece estar ciente disso e agora recorrendo a eles em sua própria composição.

Portanto, a crítica das fontes tenta, com base em textos como esse, tentar reconstruir e perguntar quais foram as fontes escritas que os autores do Novo e do Antigo Testamento utilizaram na produção de sua própria composição. E em nossa próxima sessão veremos mais detalhadamente a crítica das fontes no Antigo e no Novo Testamento. Como funciona e qual pode ser o valor da sua contribuição para a hermenêutica.

E então passe também para o próximo estágio da crítica que é a crítica da forma. E também como isso influenciou a interpretação do Antigo e do Novo Testamento.